

Falta de esgoto ainda preocupa

(Não Assinado)

Ausência de esgotamento deixa Fortaleza com recursos hídricos doentes

A foto-legenda de chamada de primeira página, “Ligações de esgoto irregulares”, anunciando para a matéria “Mais de 800 ligações de esgoto são desativadas” (Editoria Fortaleza, página 6), com manchete de página correlata “76,84% dos cearenses não têm esgoto” (Fortaleza, página 5), na edição de sexta-feira última, 30 de novembro, do O POVO, confirma que os déficits de saneamento básico ainda são uma preocupação na sociedade brasileira.

Isso confirma que o Brasil é nação de contrastes e contradições, onde aconteceu, por exemplo, o milagre das comunicações. A partir de 1972, da estação receptora de Tanguá, em Itaboraí, no Estado do Rio de Janeiro, o país passou a captar transmissões de televisão via satélite. Populações inclusive de baixa renda, desde que entrou no ar a teledifusão a cores em 1972, tiveram acesso crescente à novidade. O mesmo aconteceu com a tecnologia celular, a partir de 1993, a qual de tão portátil, proporcionou largo alcance social.

Mas, na última terça-feira, o coordenador do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Marcelo Néri, declarou que, no Brasil, o sistema de saneamento básico cresceu menos de um por cento a cada 12 meses, nos últimos anos, enquanto o acesso populacional à informatização aumentou quatro pontos anuais.

No caso específico do Ceará e Fortaleza, essa falta de saneamento, inclusive do consumo de água encanada, compromete os recursos hídricos. A Região Metropolitana de Fortaleza é ladeada por cursos d’água enfermos, a exemplo do Cocó a leste, assim como o Ceará e o Maranguapinho a oeste. A ausência de uma política massiva de moradia forçou moradores da menor renda a se instalarem nas margens desses rios, sobrevivendo nas condições mais degradantes. Além disso, são as primeiras vítimas das inundações quando se registram temporadas chuvosas de alta pluviosidade.

Um começo de solução é que equipes da Prefeitura de Fortaleza conseguiram bloquear 827 ligações clandestinas de esgoto que se originavam de quatro bairros no entorno da lagoa de Porangabuçu, Rodolfo Teófilo, Parquelândia, Amadeu Furtado e Parque Araxá, a partir de casas, prédios, pontos comerciais e outros imóveis, por meio de adaptação irregular de galerias pluviais que desembocam no reservatório, para o despejo de efluentes.

No caso, aconteceram omissão e decisão lamentáveis. Omissão, quando as autoridades já deveriam ter expandido a rede oficial de esgotamento para a zona. Decisão, quando os autores das ligações clandestinas apelaram para uma opção que poderia ter provocado catástrofe ambiental. Seria preciso que o habitante da Grande Fortaleza voltasse a ter consciência do patrimônio lacustre que já foi um referencial na paisagem da capital cearense.

Até a década de 1960, as lagoas em geral no perímetro urbano e municípios vizinhos concorriam com as praias na procura pelos banhistas nos finais de semana. As águas eram tão garantidas que antes, no decênio de 1940, os militares norte-americanos acantonados na base aérea do Pici, por meio de motobombas, chegaram a se abastecer da lagoa de Parangaba para o suprimento hídrico da guarnição. Isso deveria ser levado mais em conta, evocando-se o tempo em que os recursos aquáticos locais eram tratados com melhor atenção.